



**MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

**ARLAN DE SOUZA PORTILHO**

**ANTROPOLOGIA CULTURAL DA EDUCAÇÃO**

**O Sujeito buscando no Objeto o Estado de Afeto**

Belém - Pará  
2021

**ARLAN DE SOUZA PORTILHO**

**ANTROPOLOGIA CULTURAL DA EDUCAÇÃO**

**O Sujeito buscando no Objeto o Estado de Afeto**

Artigo apresentada ao Saint Alcuin of York Anglican Colleg, como requisito avaliativo para a obtenção de nota na Disciplina de Antropologia Cultural da Educação no curso de Mestrado em Ciências da Educação. Sob a orientação da Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Lorinete de Marchi.

Belém - Pará  
2021

## **RESUMO**

O artigo expressa o estudo da Antropologia Cultural da Educação, relacionando a importância do Sujeito na constante busca do Objeto pesquisado um Estado de Afeto para que este seja articulado com uma prática educacional baseada nos apóstes teóricos à luz de Fonseca, quando o mesmo aponta ao fazer antropólogo, é fazer o processo de volta para casa o que permite ao etnógrafo alcançar a reflexividade almejada. Entende-se que a Antropologia como campo de investigação permite ao sujeito um olhar atento nas grandes transformações educacionais ocorrentes, seja na sala de aula, na comunidade social em que esteja inserida ou mesmo na perspectiva individual do ser. A reflexividade é justamente esse momento que possibilita o sujeito de refletir sobre a investigação e, que o objeto pesquisado seja ação instigante para que vivenciado tais observações tragam ao sujeito um estado de afeto em que, na prática, educacional o mesmo consiga desenvolver coerentemente os conhecimentos teóricos, porém, correlacionando com ações concretas.

**Palavras-chave: Antropologia, Sujeito, Objeto, Afeto.**

## **ABSTRACT**

The article expresses the study of the Cultural Anthropology of Education, relating the importance of the Subject in the constant search for the Researched Object a State of Affection so that it is articulated with an educational practice based on theoretical bets in the light of Fonseca, when he points out when doing anthropologist, is to do the process back home which allows the ethnographer to achieve the desired reflexivity. It is understood that Anthropology as a field of investigation allows the subject to take a closer look at the great educational transformations that are taking place, whether in the classroom, in the social community in which they are inserted, or even in the individual perspective of being. Reflexivity is precisely this moment that enables the subject to reflect on the investigation and that the researched object is an instigating action so that experienced such observations bring the subject to a state of affection in which, in educational practice, he can coherently develop knowledge theoretical, however, correlating with concrete actions.

Key words: Anthropology, Subject, Object, Affect.

## Antropologia Cultural da Educação O Sujeito buscando no Objeto o Estado de Afeto

Arlan de Souza PORTILHO<sup>1</sup>  
[arlanportilho@hotmail.com](mailto:arlanportilho@hotmail.com)

Antropologia e educação parecem constituir, hoje, um campo de confrontação, em que a compartimentação do saber atribui à antropologia a condição de ciência e à educação, a condição de prática. Dentro dessa divergência primordial, os profissionais de ambos os lados se acusam e se defendem com base em pré-noções, práticas reducionistas e muito desconhecimento. Se há muitas coisas que nos separam - antropólogos e educadores -, há muitas outras que nos unem. Neste texto, pretende-se ressaltar o que há em comum, já que o que nos separa só pode ser compreendido com base nesse mesmo patamar. O que nos une é, portanto, anterior ao que nos separa, e nele se inscreve o diálogo do passado, tanto quanto a possibilidade do diálogo do futuro.

O diálogo entre antropologia e educação, percebido por muitos como uma "novidade" que se instaura com as transformações da década de 1970, e sendo mais antigo que isso e reporta-se a um momento crucial da história da ciência antropológica. No âmbito deste artigo, não se poderá dar conta da totalidade dessa história; pretende-se, no entanto, chamar a atenção para alguns pontos fundamentais. Antes de mais nada, é necessário que se adentre no pensamento antropológico, em suas bases epistemológicas como ciência e como ciência aplicada, com seus alinhamentos teóricos, avanços e limites. Aqui parece residir a importância do passado para nosso presente, o sentido de objeto e afeto que a Antropologia traz, pois somente nesse percurso parece ser possível vencer uma certa instrumentalização da antropologia pela educação, propiciadora de muitos equívocos, e onde, certamente, se terá, como ganho, a superação de estigmas e preconceitos que grassam de ambos os lados dessa fronteira ou desse divisor de águas - a antropologia como ciência, a pedagogia como prática.

---

<sup>1</sup> Professor da Rede Pública Municipal de Gurupá, Estado do Pará, Licenciado em Pedagogia pela Faculdade Evangélica do Piauí – FAEPI, Licenciado em Teatro pela Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará – ETDUFPA, Especialista em Gestão, Supervisão e Orientação Educacional Escola pela Faculdade de Tecnologia e Ciência do Alto Paranaíba – FATAP, Mestrando pela Saint Alcuin of Yourk Anglican College: Mestrado Internacional em Educação: – Nacional Pesquisa e Educação.

O pioneirismo do diálogo entre antropologia e educação, relatado por GALLI (1993), mostra que, já ao final do século XIX, a antropologia tentava compreender uma possível cultura da infância e da adolescência. Eram temas de suas pesquisas e de seus debates os processos interculturais infantis e os sistemas educativos informais, dentro de uma concepção alargada de educação. Antropólogos participavam em processos de revisão curricular e continuaram a participar no transcorrer do presente século, nesse e em outros movimentos ligados à escola e à educação.

Assim, tendo em vista a realidade educacional brasileira, percebe-se que muitos paradigmas são enfrentados para que haja uma formação pedagógica alicerçada em conhecimentos teóricos – epistemológicos, assim como, uma prática que seja consistente e, acima de tudo, que possibilite aos estudantes uma reflexividade do que se busca alcançar. E a Antropologia educacional quer estender essa ação como prática social e luta política educacional, buscando um diálogo em torno de um paralelo e possíveis cruzamentos dessa Ciência – Antropologia, com a Educação.

Partindo do princípio em que a maioria dos professores – pesquisadores vivem é que o *Sujeito* por meio de uma busca incessante para melhorar seus conhecimentos, assim como, sua prática é que precisa observar no objeto pesquisado um estado de *afeto*, de pertencimento para que possibilite um relacionamento de querer fazer mais pela educação, identificando suas necessidades mais peculiares e, dessa forma, ter o sentimento de pertencimento.

O campo da Antropologia Cultural da Educação remete exatamente esse sentimento, pois, nesse sentido segundo WRIGHT MILLS (2009, p 21) afirma que “a ciência social é a prática de um ofício”, ou seja, uma prática social que está em constante desenvolvimento, criando e recriando pensamentos e métodos. Para esse mesmo autor considera, ainda, que:

O conhecimento é uma escolha tanto de um modo de vida quanto de uma carreira; quer o saiba ou não, o trabalhador intelectual forma-se a si próprio à medida que trabalha para o aperfeiçoamento de seu ofício; para realizar suas próprias potencialidades, e quaisquer oportunidades que surjam em seu caminho, ele destrói um caráter que tem como núcleo as qualidades de um trabalhador. Isso

significa que deve aprender a usar sua experiência em seu trabalho intelectual: examiná-lo, interpretá-lo continuamente. (WRIGHT MILLS 2009:22).

Entende-se que para o estudioso das ciências humanas, especialmente das ciências sociais, deve usar a sua experiência de vida em seu trabalho intelectual. Esta experiência nos remete o que é feito dentro de cada um, usando as influências de seu passado em trabalhos futuros, enfim, elevar cada experiência, conhecimento, sentimento em nível de reflexão, um moldar-se a si mesmo como um artesão o faz com suas confecções. Este talvez seja um dos grandes momentos de resignificar e alcançar um amadurecimento das ações na prática educacional.

Dessa forma, a competência desenvolvida por professores – pesquisadores se insere tanto nos diálogos com vários teóricos que norteiam a prática como com a competência no contexto profissional, pois, de acordo com CLAUDIA FONSECA (1999) ao se referir que “para se fazer antropólogo, o processo de volta para casa é que permite o etnógrafo a alcançar a reflexividade almejada”.

Para que isso aconteça, será necessária a comparação daquilo que se observa nas realidades que estuda com outros exemplos similares que são encontrados disponíveis nas literaturas de antropologia que permite ao pesquisador um pensamento analítico e explícito do fenômeno estudado. Ao introduzir o pensamento de WRIGHT MILLS (2009), CASTRO comenta que para o autor: “no trabalho do cientista social não haveria fórmulas, leis, receitas, e sim métodos, no sentido original da palavra: via, caminho, rota para se chegar a um fim” (WRIGHT MILLS 2009, p. 13 – grifo do autor). O cientista exerce, então, seu ofício – pesquisa, na qual encontra implícita a ‘dimensão existencial’ que une a experiência pessoal e a reflexão profissional de seu ofício, num verdadeiro trabalho artesanal; vale dizer, um trabalho de construção permanente.

No entanto, partindo desse pressuposto, compreende-se que outro ponto importante para análise é em que a noção de competência é mais fecunda e abrangente, mantendo, com a ideia de disciplina, um importante vínculo à medida que os currículos se constituem num mapeamento do conhecimento considerado relevante a ser ensinado como intuito de tornar as pessoas competentes. O ponto fundamental seria o fato de que as competências

representariam potenciais a serem desenvolvidos sempre em contextos de relações significativas, prefigurando ações a serem realizadas em determinado âmbito de atuação.

Contudo, no campo antropológico, vários pontos são primordiais para a investigação conceituada. O passado nos remete para uma necessidade de analisar o presente e, este, por sua vez, proporciona uma nova perspectiva para o futuro. Vale ressaltar que, para que aconteça um estado de afeta pelo campo de conhecimento o pesquisador tem a liberdade de experienciar tais sentimentos e, assim criar um estado de pertencimento. Apосто que RICARDO VIEIRA (1999) afirma que a formação em Antropologia Social e Cultura é fundamental como contributo acadêmico para melhorar as performances do professor e diz ainda:

Impõe que se pense a questão do método em Antropologia e o coloca na temporalidade do movimento político que envolve a produção do conhecimento e do ofício antropológico, ou seja, determina a constituição da Antropologia como ciência e prática como elementos inseparáveis na construção do conhecimento, naquilo que é o método antropológico, o que nos permite chegar à Antropologia da Educação como contributo para a formação docente e para o exercício de seu ofício.

Nesse sentido, a biografia do professor e, também, seu método, compreendido como o fazer e refletir a prática de seu ofício, exige que seja ele mais que um professor, seja ele um educador. Este talvez seja o cume transcendental de todo profissional, a passagem de alguém que por um instante detém o intelecto, para aquele que coloca esses conhecimentos em todas as suas atividades, fato que não se restringe, portanto, às horas de permanência em sala de aula, mas diz respeito ao impacto de seu ofício sobre sua vida e vice-versa. Tudo isso, diz respeito ao presente e ao passado, que se introduzem na história de vida própria e na do outro se interligando com relações vividas em um contexto comum.

Portanto, de acordo com CLAUDIA FONSECA (1999) afirma que a importância pessoal do antropólogo com o '*objeto*', os '*sujeitos*' que investiga, como desafio que propicia o estudo da *subjetividade* – que remete ao estado de *afeto*. Para a mesma autora “a educação é partilha e o partilhar consiste em enfrentar a vida cotidiana com todos os seus desafios e contradições”. Assim,

cabe ao educador entender as diferenças, as suas e as dos outros, como integrando uma mesma realidade e, como tal, parte da alteridade que nos constitui como sujeitos deste ou daquele lugar, sujeitos em relação e historicamente situados, fato que constitui a imensa diversidade que nos caracteriza no interior desta ou daquela sociedade e cultura.

É comum entre antropologia e educação, portanto, tal como afirma Galli, a existência real e concreta de diferentes grupos humanos. Uma existência que, segundo LARA (1990), mostra o mundo cultural marcado por uma luta de interesses, com tudo o que ela implica: a dominação, a espoliação, entre outras coisas. Para esse autor, os caminhos da produção cultural de um povo foram, muitas vezes, obstruídos, "enquanto memória negada ou recalcada, enquanto memória distorcida ou mesmo completamente deturpada por aqueles que têm a força para se impor. A história cultural de um povo, na maioria dos casos, fica sendo a história das dimensões hegemônicas dessa cultura" (p. 104).

Compreende-se, então, que o mundo da cultura e seu movimento, como parte da história de um povo, de uma tradição e herança, ao ser confrontado com outros universos, pressupõe interesses diversos postos numa relação de alteridade (o eu e o outro em relação) mais que de diversidade (o eu e o outro). Resultam, daí processos de manipulação da realidade, segundo diferentes formas de percepção e conhecimento. A experiência de contato entre povos diferentes e culturas diversas coloca em questão um espaço de encontro, de confronto e de conflito, marcado pelo diverso, pelo diferente. Esta tensão é essencial à constituição e ao desenvolvimento da antropologia como ciência e como prática.

Assim, a antropologia nasce de relações historicamente constituídas entre os homens e, por sua natureza, busca compreender o outro diferente de si - de seu mundo de origem, a Europa do século XIX - dialogando com outras formas de conhecimento, tendo por base e pressuposto central o mundo da cultura, as relações entre os homens e a construção do saber, construção que se dá com as relações vivenciadas entre os objetos pesquisados, estimulando uma relação de afeto com a prática do fazer por meio da Antropologia Cultural da Educação e suas múltiplas diversidades.

## Referências

CASTRO, Celso. 2009. "Sociologia e a arte de manutenção de motocicletas". In WRIGHT MILLS, C: Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios, pp. 7-79. Rio de Janeiro: Zahar.

FONSECA, Claudia. 1999. "Quando cada caso NÃO é um caso". Revista Brasileira de Educação, 10:58-78.

GALLI, Matilde C. Antropologia cultural e processo educativo 1ª ed., Scandicci (Firenze), Nuova Italia, 1993.

LARA, Tiago Adão. "Humanismo e Cultura" In: *Educação e Filosofia* nº 8. M.Gerais, UFU, jan. / jun. de 1990.

MILLS, C. Wright. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

VIEIRA, R. Histórias de Vida e Identidades: Professores e Interculturalidade, Porto: Afrontamento. 1999a.